

Ó Maria, Mãe da Piedade, refúgio de todas as dores, acolhe com amor maternal nosso clamor por socorro e intercede junto ao teu Filho para que encontremos paz em nossos corações aflitos.

Nossa Senhora da Piedade, que aos pés da cruz acolheste com resignação a dor mais profunda do amor materno, concede-nos a graça de suportar com fé a escuridão das tribulações deste mundo, sempre confiantes na misericórdia divina.

Mãe compassiva, Senhora da Piedade, exemplo de ternura e **força**, guia-nos no caminho espiritual, emina-nos a permanência firmes na justiça e a sermo de amor e da caridade.

Orações e Oração a Nossa Senhora da Piedade
Ó Maria, Mãe da Piedade, refúgio de todas as dores, acolhe com amor maternal nosso clamor por socorro e intercede junto ao teu Filho para que encontremos paz em nossos corações aflitos.

Nossa Senhora da Piedade, que aos pés da cruz acolheste com resignação a dor mais profunda do amor materno, concede-nos a graça de suportar com fé e esperança as tribulações deste mundo, sempre confiantes na misericórdia divina.

Mãe compassiva, Senhora da Piedade, exemplo de ternura e **força**, guia-nos em nosso caminho espiritual, ensina-nos a permanecer firmes na justiça e a sermos instrumentos do amor e da caridade.

Orações e Oração a Nossa Senhora da Piedade
Ó Maria, Mãe da Piedade, refúgio de todas as dores, acolhe com **amor** maternal nosso clamor por socorro e intercede junto ao teu **filho** para que encontremos paz em nossos corações aflitos.

Nossa Senhora da Piedade, que aos pés da cruz acolheste com resignação a dor mais profunda do amor materno, concede-nos a graça de suportar com fé e esperança as tribulações deste mundo, sempre confiantes na misericórdia divina.

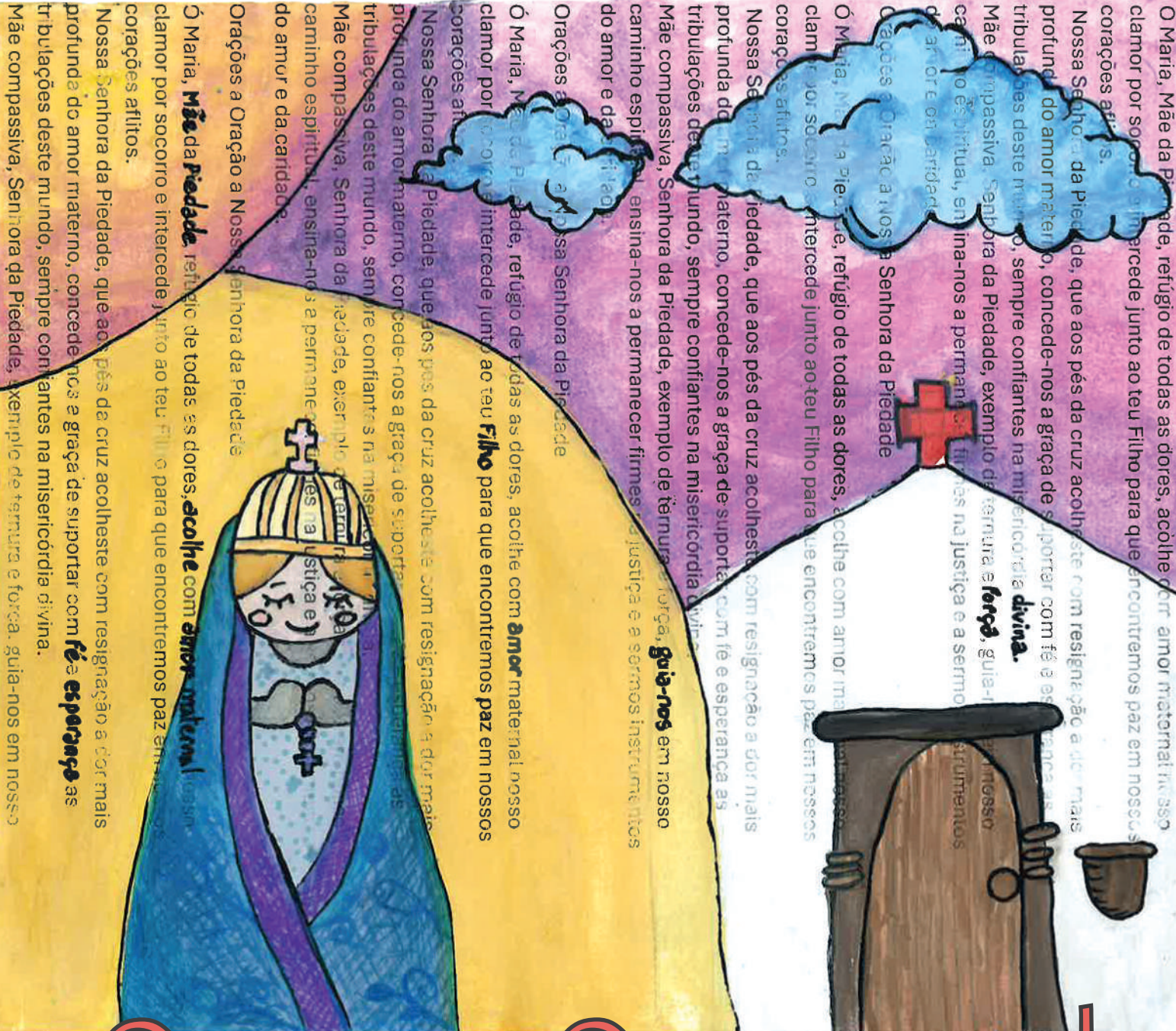
Mãe compassiva, Senhora da Piedade, exemplo de ternura e **força**, guia-nos no caminho espiritual, ensina-nos a permanecer firmes na justiça e a sermos instrumentos do amor e da caridade.

Orações e Oração a Nossa Senhora da Piedade
Ó Maria, Mãe da Piedade, refúgio de todas as dores, **acolhe** com **amor maternal** nosso clamor por socorro e intercede junto ao teu Filho para que encontremos paz em nossos corações aflitos.

Nossa Senhora da Piedade, que aos pés da cruz acolheste com resignação a dor mais profunda do amor materno, concede-nos a graça de suportar com **fé** e **esperança** as tribulações deste mundo, sempre confiantes na misericórdia divina.

Mãe compassiva, Senhora da Piedade, exemplo de ternura e **força**, guia-nos em nosso

caminho espiritual, ensina-nos a permanecer firmes na justiça e a sermos instrumentos do amor e da caridade.



A TUA VEZ!

Maria Ascensão

Maria Ascensão Fernandes Teixeira (1926–2001) foi uma folclorista madeirense. Aos 22 anos, juntou-se ao Grupo Folclórico da Casa do Povo da Camacha que apresentava canções e danças tradicionais. Ao longo dos anos, tornou-se uma das figuras mais marcantes do grupo.

Teve uma importância fundamental no Grupo Folclórico da Casa do Povo da Camacha,

pois foi uma das suas principais bailadoras e dirigentes durante muitos anos. Ajudou a manter vivas as danças e músicas tradicionais da Camacha, ensinando novos elementos e garantindo a continuidade do grupo. Além disso, contribuiu para a divulgação do folclore madeirense e levou o nome da Madeira e da Camacha além-fronteiras, dando a conhecer o bailinho da Camacha em digressões internacionais. Foi um exemplo de autenticidade e amor à tradição. Sendo uma das figuras mais antigas e marcantes do grupo, participou durante várias décadas na preservação das tradições madeirenses.

Conhecida como a “Loira da Camacha”, alcunha pela qual ficou popular na Região, destacou-se também pelo trabalho com as novas gerações, ensinando as danças, músicas e costumes populares.

Afonso Gonçalves e Mariana Baptista
EB/PE Dr. Alfredo Ferreira Nóbrega Júnior
(Camacha)



Pequenos barcos com grandes histórias

UMA TRADIÇÃO DA FESTA DA NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Na Festa da Nossa Senhora da Piedade, que tem lugar no Caniçal no mês de setembro, há uma tradição que consiste na realização de uma procissão marítima de atuneiros em miniatura, em homenagem à Nossa Senhora da Piedade. Esta tradição concretiza-se através da participação de populares que constroem e expõem os seus barcos em miniatura na praia do calhau, com o propósito de replicar a mesma procissão que é realizada com os barcos de pesca verdadeiros.

QUANDO TUDO COMEÇOU

Segundo um popular entrevistado, ele e o seu grupo de amigos foram os criadores da atividade:

«Eu e os meus amigos tínhamos interesse em construir barcos pequenos em esferovite, por isso tivemos a ideia de imitar a procissão. Começámos no degrário, e fomos até ao calhau a nadar com os barcos. Agora todos os anos, nas sextas da festa, se repete a tradição.»

O presidente da Junta de Freguesia do Caniçal, Emanuel Santos, explicou que a Junta de Freguesia, em articulação

com os criadores, decidiu dar continuidade à atividade, por considerar que esta valoriza não só a festa religiosa, mas também a freguesia. Este ainda esclarece que a escolha da data, na sexta-feira, se deve ao facto de a procissão com os barcos maiores se concretizar no sábado e no domingo e, assim, esta se apresentar como uma espécie de abertura das festividades, sendo uma procissão “igualmente simbólica”.

UMA TRADIÇÃO PARA MANTER

Uma vez que o número de participantes começou a diminuir ao longo dos anos, a Junta de Freguesia do Caniçal procurou aumentar a participação dos jovens propondo uma parceria com a EB/PE/C do Caniçal, motivando a construção de barcos, “através da cedência de material”. Na última edição, os alunos da Escola Básica com PE/C do Caniçal participaram com dois barcos construídos por eles, com a orientação dos professores. Também participaram populares

menos jovens que mantêm a atividade trazendo consigo os seus filhos pequenos, sendo já uma tradição familiar.

Em suma, esta tradição enriquece a Festa da Nossa Senhora da Piedade, visto que é única na Região Autónoma da Madeira, juntando-se à festa religiosa, e continua a atrair moradores e forasteiros de toda a Ilha e até emigrantes que nos visitam nessa data, propositadamente.

A procissão de atuneiros em miniatura é mais uma forma desta comunidade manter o convívio saudável e a entreatajuda entre os populares, tão característicos desta população.

Jaime Santos
EB/PE/C do Caniçal (Machico)





Madeirense

Ser madeirense

é, acima de tudo, ter um orgulho enorme nas próprias raízes. Na minha opinião, esta vaidade não se resume às paisagens bonitas ou à fama do Vinho Madeira, mas sim à forma como as pessoas vivem e mantêm as suas tradições vivas. Há uma autenticidade no modo de falar, nas festas e até na maneira de receber quem chega, que dificilmente se encontra noutros lugares.

Ao mesmo tempo, ser madeirense é saber equilibrar tradição e mudança. A ilha evolui, adapta-se ao mundo moderno, mas sem perder aquilo que a torna única. É essa capacidade de preservar a identidade enquanto se avança que, na minha visão, define verdadeiramente o que é ser madeirense.

É admirável a forte ligação à comunidade. As festas, como a Festa da Flor, não são apenas eventos turísticos, mas momentos reais de união e celebração entre as pessoas.

No fundo, ser madeirense é sentir que se pertence a uma cultura viva, simples e genuína, que deve ser preservada.

Melissa Costa
EBS Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas
— Carmo (Câmara de Lobos)



"ASSEMBLEIA REGIONAL TOMA POSSE"
Madeira assume o comando do seu futuro!

POLÍTICA
Desenvolvimento da Madeira.
POLÍTICA
As mulheres madeirenses na mobilização social.
CULTURA
Símbolos Regionais.

ECOS DA AUTONOMIA

Construir o presente, pensar no futuro

No âmbito das comemorações dos 50 anos da Região Autónoma da Madeira, o grupo de História e Geografia de Portugal da EBS de Santa Cruz dinamizou várias iniciativas dedicadas à conquista da autonomia madeirense. Entre elas, destacou-se a criação de jornais elaborados pelos alunos das turmas B e D do 8.º ano, inspirados nas notícias e nos acontecimentos da época, como o 'Ecos da Autonomia'.

Através deste trabalho, os alunos procuraram retratar um dos acontecimentos mais significativos da História Contemporânea da Madeira: a conquista da autonomia. Tal como é apresentado no jornal, este processo não se resume a decisões políticas, mas representa um percurso coletivo, construído com responsabilidade, participação cívica e visão de futuro.

A ação do Dr. Alberto João Jardim assume um papel central nesta trajetória, representando um período de afirmação e consolidação das instituições regionais. Mais do que um estatuto jurídico, a autonomia afirma-se como um compromisso ativo com o desenvolvimento económico, social e cultural da Madeira.

O investimento em infraestruturas, o apoio à agricultura e os incentivos ao investimento na ilha são exemplos de medidas que contribuíram para diminuir desigualdades e promover um crescimento equilibrado. Assim, a autonomia surge como uma alavanca de progresso e valorização da identidade regional.

Além das dimensões política e económica, destaca-se a

importância da participação cívica. A ideia de que o futuro da Madeira depende dos seus cidadãos reforça a necessidade do envolvimento de todos na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.



O jornal valoriza ainda a riqueza cultural da região, evidenciando o turismo, a gastronomia e os eventos tradicionais como elementos da identidade madeirense.

Em suma, a autonomia da Madeira é apresentada como um processo dinâmico e em constante construção, onde se cruzam desenvolvimento, identidade e cidadania. Mais do que um trabalho escolar, este projeto permitiu aos alunos compreender e recriar, em formato jornalístico, a importância da autonomia na construção do futuro da Região.

Turma 8.º D
EBS de Santa Cruz

Quem Somos Nós?

Somos histórias que ninguém escreveu,
Memórias guardadas no silêncio do tempo.
Somos vozes antigas a ecoar no presente,
Um passado vivo dentro da gente.

Somos feitos de gestos herdados,
De palavras que nunca esquecemos.
De costumes que, mesmo mudados,
Ainda em nós reconhecemos.

Somos diferentes, mas iguais na essência,
Ligados por algo que não se vê.
Cultura é mais do que aparência,
É tudo aquilo que vive em nós sem se perder.

E no meio de tantas mudanças e caminhos,
Há uma pergunta que insiste em ficar:
Não somos só o que fomos sozinhos,
Somos todos os que nos ajudaram a formar.

Afonso Neto, EBS de Machico

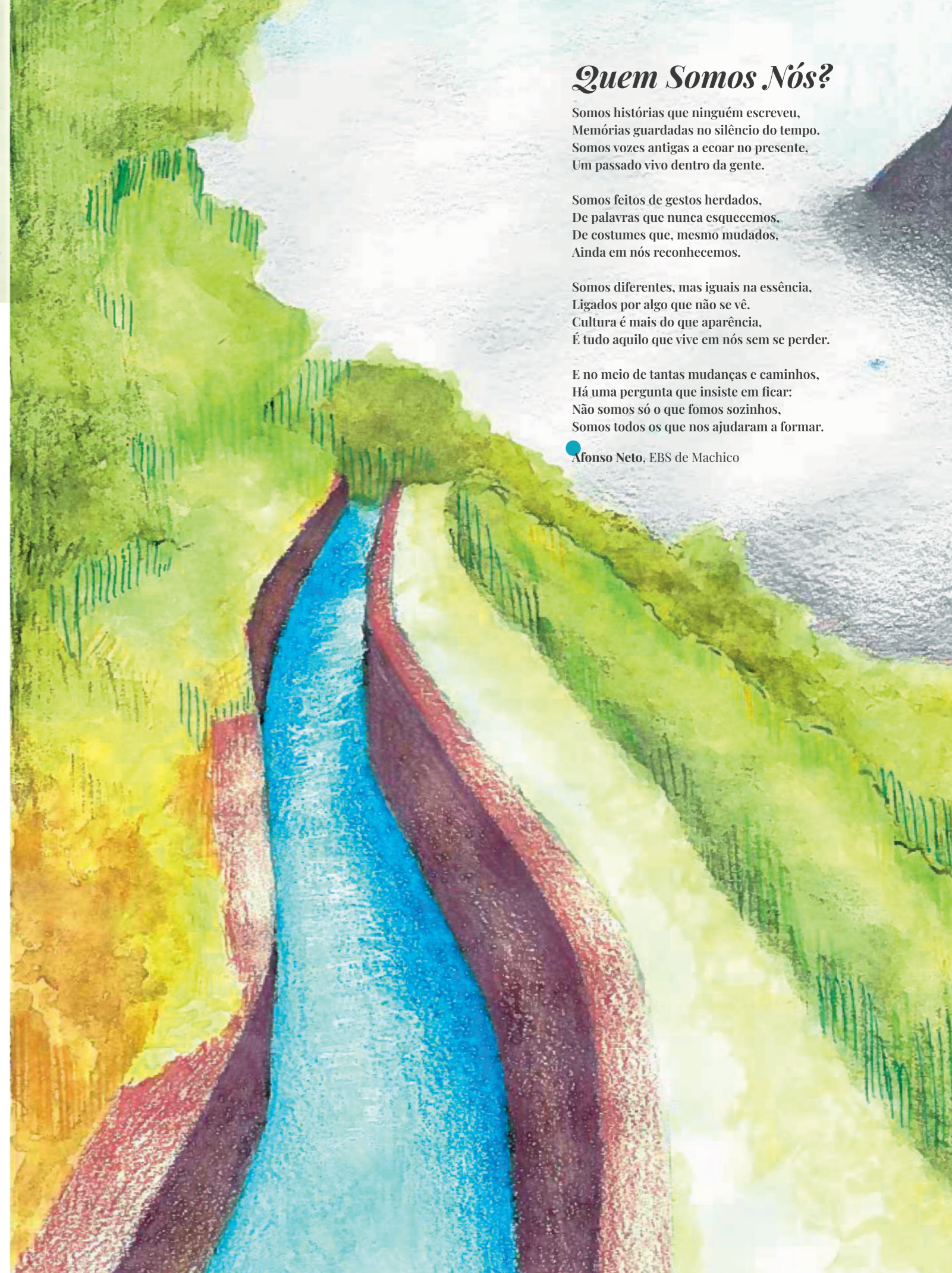


Ilustração de Joana Silva, Externato da Apresentação de Maria (Funchal)



VIVER A MADEIRA DENTRO DA ESCOLA

Memórias que ficam

Na nossa escola aprendemos a valorizar não só o que está nos manuais, mas também os valores e tradições madeirenses. O Catálogo de Oferta Extracurricular e a Feira dos Clubes e Projetos refletem essa diversidade cultural.

— Mariana Freitas, EB23 Dr. Horácio Bento de Gouveia (Funchal)

Existem projetos que nos aproximam de costumes antigos, como 'Tradição e Sustentabilidade'. A 'Lapinha da Bagageira', com o Menino Jesus e cantares natalícios, é um momento único. O Workshop 'Pão Caseiro' devolve-nos gestos de antigamente – amassar, fermentar e moldar – enquanto o evento "Pote da Tradição" junta alunos, professores e famílias na confeção de broas, mostrando como a cultura se transmite entre gerações.

No Natal, vivemos também o concurso 'Vamos Cacauzar!', que encheu a sala dos professores de cor, criatividade e aromas tradicionais. Foram apresentadas mais de cinquenta canecas, acompanhadas de cacau quente,

bolo de mel e outros doces típicos da quadra. Ao longo do nosso percurso escolar, na sala de aula, vários workshops enriqueceram a nossa aprendizagem. Recordo o Workshop de Eco-costura, em 2023, com as professoras Rute Pereira e Tânia Pereira, onde aprendemos pontos como o fuxico e o caseado, criámos uma pregadeira e refletimos sobre a importância da reutilização dos "trapos".

Neste ano letivo, o jogo **ATREMAR**, promovido pela 'Casa Invisível' e pela AFERAM, deu-nos a conhecer, de forma lúdica, ofícios tradicionais das ilhas da Madeira e do Porto Santo já quase esquecidos – o tanoeiro, o artesão de vime, a artesã de palmito, o moleiro, o levadeiro, a bordadeira, entre outros. Alguns colegas tiveram ainda a oportunidade de partilhar este jogo com outras turmas.

Igualmente memorável foi a atividade de tecelagem, dinamizada pelo IVBAM, que nos permitiu compreender a urdidura e a trama e criar uma pequena peça têxtil, combinando cores e texturas.

Sendo este o meu último ano na HBG, percebo que estas vivências fortaleceram a nossa ligação às raízes da Madeira – memórias que levamos connosco!



Ser do Porto Santo.

CULTURA, TRADIÇÕES E ORGULHO

A cultura e a identidade são essenciais para compreendermos quem somos e quem fomos. Vivendo na ilha do Porto Santo, sinto que estas características são importantes no quotidiano e na forma como vejo o resto do mundo.

Maria Inês Rodrigues
EBS/PE/C Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco (Porto Santo)

Na minha opinião, a identidade do Porto Santo está ligada à simplicidade. Apesar de ser uma ilha pequena, a sua cultura é autêntica. Acho que as festas como o São João e as pequenas festas locais de verão são os momentos mais importantes de convívio, porque a música e a dança unem as pessoas. Também considero que a gastronomia tem um papel fundamental e unificador, com comida típica como a escarpada, o bolo do caco e o peixe fresco.

Além disto, acredito que a praia do Porto Santo é um dos elementos mais marcantes e contribui muito para a identidade da ilha. A sua areia dourada e o mar calmo não só atraem turistas, como fazem parte da vida de quem aqui vive.

No entanto, a meu ver, com o aumento do turismo é muito importante preservar estas tradições.

Tenho receio que, com o tempo e com a massificação humana, se possam perder. Por isso, penso que é importante valorizar mais a cultura local, ensinar as tradições aos mais novos e manter os costumes da ilha.

Concluindo, acredito que viver no Porto Santo me faz valorizar mais a cultura e a identidade. Para mim, é essencial protegê-las, respeitá-las e transmiti-las para que o Porto Santo continue a ser um lugar único no futuro.



Gastronomia

Na Madeira come-se com alegria, Há comida boa todos os dias. O bolo do caco quentinho com manteiga de alho, É simples, mas nunca falha.

A espetada em pau de louro a sair do braseiro, Perfuma o ar e conquista o paladar primeiro. As lapas grelhadas vêm do mar, Com limão por cima, mesmo a puxar.

O peixe-espada com banana é diferente, mas bom, Mistura estranha, mas acerta no tom. E no fim há sempre um doce para provar, O bolo de mel que nunca pode faltar.

Para beber, um copo para animar, Do vinho da Madeira para acompanhar. Assim é a comida desta região, Simples, saborosa e feita com emoção.

Rodrigo Araújo
EBS Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas – Carmo (Câmara de Lobos)

O QUE NOS FAZ SER QUEM SOMOS

Jéssica Sequeira e Mateus Silva,
EB/PE de Santo António e
Curral das Freiras (Funchal)

■ Falar de cultura e identidade é falar de quem nós somos, de onde vimos e do que nos torna diferentes e especiais. A identidade é tudo aquilo que nos define como pessoa. Inclui o nosso nome, a nossa família, os nossos gostos, a língua que falamos, os valores em que acreditamos e até os nossos sonhos para o futuro. Cada pessoa tem a sua própria identidade, e nenhuma é igual à outra. É isso que torna o mundo mais interessante.

A

cultura está muito ligada à identidade. A cultura inclui as tradições, os costumes, a música, a comida, as festas e as histórias que aprendemos com a família e com a sociedade. Em Portugal, por exemplo, faz parte da nossa cultura falar português, celebrar o São João ou o Santo António, ouvir música tradicional e valorizar a nossa História. Mas também aprendemos culturas diferentes através da escola, dos amigos e da internet. Vivemos numa sociedade muito diversa. Na mesma turma podem existir alunos de diferentes países, religiões e hábitos. Isso ajuda-nos a aprender a respeitar as diferenças e a perceber que ninguém é melhor do que ninguém por causa da sua cultura ou identidade. Na disciplina de Cidadania e Desenvolvimento aprendemos que conhecer quem somos é importante para nos sentirmos bem connosco próprios. Também aprendemos que devemos respeitar a identidade dos outros, mesmo quando é diferente da nossa. **A cultura e identidade ajudam-nos a perceber quem somos, mas também a viver melhor em comunidade, com respeito, amizade e compreensão. A cultura influencia a identidade porque ajuda a formar a maneira como pensamos, agimos e vemos o mundo.**

Quem somos nós?

*Às vezes somos o silêncio do quarto,
outras vezes, o barulho da rua,
um coração que parece sempre farto,
ou uma alma que anda nua.*

*Somos os livros que ainda não lemos,
as músicas que ouvimos sem parar,
a dúvida constante naquilo que cremos,
e a vontade louca de tudo mudar.*

*Somos o reflexo num espelho baço,
um conjunto de sonhos e de medos,
a força que guardamos num abraço,
e a caixa que esconde mil segredos.*

*Não somos apenas um nome ou um rosto,
nem a nota que tiramos no exame,
somos o futuro que está a ser posto,
numa vida que pede que se ame.*

*Quem somos nós? Ainda não sei bem,
somos um caminho que agora começa,
sem medo do que o amanhã tem,
vivendo a vida sem muita pressa.*

Luana Freitas
EBS/PE da Calheta



Estar aberto ao mundo é o que nos torna singulares e únicos.

— Lara Rodrigues, EBS/PE da Calheta

■ Num mundo cada vez mais globalizado, onde diferentes culturas se intersejam diariamente, torna-se inevitável perguntar: afinal, quem somos nós? A resposta é que a nossa identidade não é algo fixo ou simples de se definir. No meu ponto de vista, a identidade é construída com o tempo, influenciada pela cultura, pelas experiências que vivemos e pelas relações que vamos tendo com os outros.

Em primeiro lugar, a cultura tem um papel essencial na construção da nossa identidade. Tudo influencia a forma como nos vemos e como os outros nos veem, desde a língua que falamos às tradições que seguimos. Crescer num certo país ou comunidade acaba por modelar os nossos valores, os nossos hábitos e até o nosso próprio pensamento. Ainda assim, eu acho que a identidade não se limita apenas à cultura de origem. Por outro lado, hoje, estamos ligados a todo o mundo. Por exemplo, no Instagram ou numa viagem, nós conhecemos várias pessoas e ideias diferentes a toda a hora e isto não é mau, pelo contrário, favorece o nosso crescimento. Em vez de sermos todos iguais, cada um de nós forma a sua própria identidade e personalidade, combinando o que há de melhor em cada cultura.

Estar aberto ao mundo é o que nos torna singulares e únicos. Contudo, esta diversidade também tem vários desafios.

Muitas vezes, surgem problemas e conflitos entre as tradições, ou entre os padrões sociais e aquilo que realmente somos, por isso, é importante refletir e encontrar um equilíbrio, respeitando tanto as tradições e culturas como também o que e quem queremos ser.

EM SUMA, A NOSSA IDENTIDADE NÃO ESTÁ DEFINIDA PELA NOSSA CULTURA. NÓS SOMOS TUDO O QUE QUISERMOS E A NOSSA IDENTIDADE É O RESULTADO DE VÁRIAS COISAS: CULTURA, VIVÊNCIAS E ESCOLHAS.

Lara Rodrigues
EBS/PE da Calheta



JUNHO A CHEGAR

Porto da Cruz revive tradições dos Santos Populares ligadas ao mar!

No âmbito do projeto 'Vivendo e Aprendendo', as alunas Beverly Ramirez e Margarida Spínola, numa iniciativa ligada à 'Escola Azul', reuniram-se com um grupo de idosos do Lar do Porto da Cruz, utentes que integram um projeto intergeracional da Escola, o qual promove a partilha de saberes entre diferentes idades.

«Quisemos resgatar e preservar as tradições dos Santos Populares, que fazem parte da identidade desta freguesia e da sua ligação ao oceano», explicaram as alunas, apontando a importância deste momento para salvaguardar as memórias da freguesia.

Num ambiente de conversa descontraída e envolvente, foram sendo partilhadas memórias onde o mar surgia como pano de fundo das festividades. Entre os testemunhos, destacaram-se rituais de “tirar a sorte”, convívios comunitários e gastronomia típica associada aos Santos Populares.

Adelaide Gouveia, de 88 anos, recordou o costume de “tirar as sortes” para desvendar o futuro amoroso. Um dos rituais mais curiosos consistia em espetar uma faca num tronco de bananeira à meia-noite, acreditando-se que nela surgiria o nome do

futuro pretendente. Já **Serafina Freitas**, de 90 anos, descreveu a animação no cais do Porto da Cruz, onde as cantorias e os passeios de barco culminavam no icónico mergulho no mar à meia-noite.

Nem todas as memórias, porém, são de festa. **Isabel Sousa**, de 83 anos, reviveu as celebrações de São Pedro no Funchal, marcadas por uma tragédia que presenciou na infância: o naufrágio de uma embarcação que vitimou uma vizinha e amiga, lembrando a todos a força e o respeito que o mar impõe.

A gastronomia foi outro pilar da conversa. **Manuel Vieira** (65 anos) e **João Marques** (70 anos) destacaram a importância da pesca do atum. Pratos como o atum de escabeche com semilhas, maçarocas e feijão eram, e continuam a ser, a alma das mesas nesta época. **Serafina Freitas** recordou ainda a antiga praça do peixe (hoje um restaurante), onde o povo comprava cavalas, deixando o precioso atum para os dias de festa dos Santos Populares. As alunas Beverly e Margarida

confessaram a surpresa perante rituais que desconheciam, assumindo o compromisso de manter viva esta herança. Para além da nostalgia, o encontro serviu de alerta. Os idosos lamentaram a perda gradual destas tradições e alertaram para a degradação do meio marinho.

Serafina Freitas sublinhou que, antigamente, «o mar era mais limpo», apelando a uma maior consciência ambiental.

Mais do que uma simples troca de palavras, esta iniciativa provou que as ondas do tempo não conseguem apagar a identidade de um povo que tem o sal no sangue. Entre as “sortes” da bananeira e o sabor do atum de escabeche, o Porto da Cruz reafirma que honrar os Santos Populares é, acima de tudo, honrar o mar que nos rodeia.

Junho está à porta e, graças a este abraço entre gerações, a chama das fogueiras e o brilho do Atlântico prometem manter viva a alma da nossa terra.

Margarida Spínola e Beverly Ramirez
EB/PE do Porto da Cruz (Funchal)



Pintor madeirense

Luís Bernes (1865–1936) foi o pintor madeirense que mais representou Nossa Senhora da Conceição nos tetos de igrejas e capelas, nomeadamente, na capela de Nossa Senhora da Conceição — Câmara de Lobos (1908), na capela da igreja de Nossa Senhora da Graça — Estreito de Câmara de Lobos (1910), na igreja de Nossa Senhora da Luz — Ponta de Sol (1917), na antiga igreja de São Lourenço — Camacha (1921) e na igreja de São Brás — Arco da Calheta (1929). Luís Bernes, para fazer as suas pinturas, baseou-se em gravuras/estampas ou mesmo já catálogos impressos das pinturas barrocas do pintor espanhol Bartolomé (1618–1682). As representações da Imaculada Conceição, que seguem modelos da escola espanhola, emergem numa atmosfera de nuvens, com a Virgem representada com as mãos cruzadas ao peito ou justapostas, a olhar em direção ao Céu, cabelos longos, túnica branca e manto azul, e contém, junto aos pés, alguns atributos como o quarto crescente lunar, anjos meninos rodopiantes com um pano vermelho, açucenas, rosas e ramos de palma e oliveira.

Bernes destacou-se na pintura de caráter sacro, repintura e restauro de algumas telas existentes nas igrejas da Madeira, mas também em desenhos, como o de Carlo de Bianchi e outros ilustres madeirenses. A sua obra é pouco divulgada entre os estudantes, mesmo os de artes.

Ana Ferreira
EBS Gonçalves Zarco (Funchal)

A FESTA DO SENHOR NA BOAVENTURA

Beatriz Fernandes e Maria Leonor Loreto. EBS/PE/C D.ª Lucinda Andrade (São Vicente)

Hoje vamos até à freguesia da Boaventura, para conhecer uma das suas tradições mais marcantes: a Festa do Senhor, também conhecida como Festa do Santíssimo Sacramento.

Todos os anos, no penúltimo domingo de agosto, esta pequena localidade enche-se de fé, cor e vida. É muito mais do que uma celebração religiosa, é um verdadeiro ponto de encontro da comunidade, onde moradores, emigrantes e visitantes se reúnem para partilhar momentos únicos. A festa começa normalmente no sábado à noite, com a missa da vigília. É um momento mais calmo, de preparação espiritual para o grande dia. Mas é no domingo que tudo ganha outra dimensão. Às quatro da tarde, a igreja paroquial enche-se para a missa principal. Logo depois, sai à rua a procissão, um dos momentos mais emocionantes de toda a celebração.

E há um detalhe que torna esta procissão ainda mais especial: os tapetes de flores. Feitos à mão pelos habitantes da freguesia, estes tapetes decoram o percurso com cores e padrões impressionantes. Mais do que decoração, são um gesto de devoção, uma forma de homenagear o Santíssimo Sacramento.

Durante vários dias, a Boaventura transforma-se. Há alegria nas ruas, convívio, animação e aquele ambiente típico das festas tradicionais madeirenses, onde a fé e a cultura andam lado a lado. No fundo, esta festa representa três coisas essenciais: a fé, a tradição e a união da comunidade.

E para quem quiser conhecer ainda mais sobre esta tradição, existe até um livro dedicado ao tema, chamado 'Senhor de Boaventura', que explora a história, as origens e a evolução desta celebração ao longo do tempo. Se nunca visitaste a Festa do Senhor na Boaventura, fica o convite. Porque mais do que ver, é uma experiência que se sente.

WEBGRAFIA:

<https://www.jornaldamadeira.com/2019/08/15/domingo-do-senhor-na-boaventura/>;
<https://www.jornaldamadeira.com/2019/08/15/domingo-do-senhor-na-boaventura/>;
<https://www.jornaldamadeira.com/2019/08/15/domingo-do-senhor-na-boaventura/>;



Madeira Bordada
Nascida de linho
Enredada em anil
Por mãos calosas
Por mãos mil.

Madeira Bordada
Em fins de tarde
Entre cantos e suspiros
De bordadeiras anónimas,
Fatigadas... Curvadas
Vidas secretas sonhadas.

Madeira Bordada
Cresceu... Cresceu
Ganhou asas
inundou o mundo
De requinte, precisão
De beleza e perfeição.
Tanto fazem essas mãos!

Barbara Neto
EBS da Ponta do Sol



A tradição do Divino Espírito Santo na Madeira

A

celebração do Divino Espírito Santo na Madeira é uma das tradições religiosas mais relevantes e remonta ao início da colonização da ilha. Acontece em todas as freguesias madeirenses, mas tem especial incidência na Camacha, e ocorre entre a Páscoa e o Pentecostes, que são os 50 dias após o Domingo de Páscoa. A tradição repete-se ano após ano, sendo celebrada com festas, cortejos e muita participação da comunidade. É simultaneamente uma manifestação da fé católica, um ritual de bênção e proteção das famílias e uma celebração comunitária de solidariedade e de alegria.

Nessas visitas, membros da igreja e da comunidade levam a cruz e símbolos religiosos às casas, anunciando a ressurreição de Jesus e abençoando as famílias. Formam uma espécie de cortejo; à frente vão pelo menos dois homens com bandeiras vermelhas, saloias, músicos com instrumentos típicos, tais como o acordeão e a braguinha, e o padre que benze o lar. Destacam-se elementos simbólicos como a coroa, o cetro e a pomba, que representam o poder, a fé e a presença do Espírito Santo.

As famílias preparam-se para receber estas visitas com grande respeito e alegria.

Na minha casa, é costume limpar e decorar muito bem a sala de visitas e depois oferecer bebidas, sumos, bolos e salgadinhos, como sinal de partilha e hospitalidade. Além disso, rezamos e cantamos todos juntos e agradecemos as bênçãos recebidas.

Esta tradição reforça os laços comunitários e mantém viva a identidade cultural madeirense. Para muitos, é também um momento de renovação espiritual e de união entre vizinhos e familiares, mostrando a importância da fé no dia a dia das pessoas.

Natércia Faria
EBS Padre Manuel Álvares
(Ribeira Brava)

A VISITA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO UMA FESTA ÚNICA DA NOSSA ILHA

Uma das festividades religiosas mais intensas na Ilha da Madeira é a visita do Divino Espírito Santo que passa de casa em casa por toda a ilha.

Esta é uma tradição bem antiga que começou por volta de 1425 no início do povoamento da ilha. A sua origem está relacionada com cultos agrários e simboliza a proteção das famílias, já que o povo trabalhava muito na agricultura. Ocorre após o domingo de Páscoa. Assim, a cada domingo até o Pentecostes, as casas são visitadas, por sítio ou conjunto de sítios, ou lugares das paróquias.

Os grupos que percorrem os lugares são, normalmente, constituídos por saloias, o padre, os festeiros que transportam as insígnias do Espírito Santo — pendão com bandeira vermelha



com uma pomba branca no meio — e os tocadores. Ao chegarem às casas, as saloias cantam a música de entrada, logo de seguida fazem uma pequena oração, conversam e os donos da casa fazem as suas ofertas, em dinheiro ou víveres e convivem à volta da mesa preparada. À saída as saloias, ricamente adornadas, voltam a cantar.

Este ritual repete-se em todas as casas. Para esta ocasião as habitações, das mais ricas às mais humildes, são minuciosamente preparadas, os canteiros dos jardins arranjados e até as veredas são varridas, ou mesmo lavadas. A comida está melhorada e o vermelho está por todo o lado. No final do dia toda a gente vai para o adro da igreja ou para um largo do sítio e fazem a arrematação dos géneros oferecidos.

Depois pode ocorrer uma última oração, sendo que o padre ou um dos festeiros agradece ao povo a sua generosidade e o convívio prolonga-se por mais algum tempo. Assim é a visita Pascal na Madeira.

Elisa Sousa e Madalena Jardim
EBS Gonçalves Zarco (Funchal)



Memórias da cidade do Funchal

■ Durante os meses de outubro e novembro, a minha turma teve oportunidade de visitar a exposição 'Memórias da Cidade', que chegou à escola através do Projeto 'História da Madeira', em colaboração com o Arquivo Municipal do Funchal.

Foi, para mim, uma oportunidade de conhecer melhor as várias freguesias que fazem parte da cidade do Funchal e também ficar a saber que todas elas sofreram importantes transformações ao longo do século XX. Apesar das profundas alterações urbanas, sociais e culturais, compreendi ainda que cada lugar preserva as memórias do passado, mantém vivas as tradições e heranças de outros tempos, tentando não deixar cair no esquecimento o património de cada sítio e procurando refletir sobre a evolução de uma cidade que cresceu virada para o mar, mas vai subindo encostas.

Para melhor compreender cada freguesia, foram realizados trabalhos que levaram os alunos da Levada a apresentar e explicar aos alunos estrangeiros em programas Erasmus, a riqueza e diversidade do nosso património regional. Foi ainda realizado um jogo de bluff e mistério, 'ATREMAR', inspirado nas profissões tradicionais da Madeira, algumas em vias de extinção. Desta forma aprendi que é importante preservar as heranças do passado, não esquecer as memórias de cada lugar, porque todas elas fazem parte da nossa identidade.

Inês Santos
EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva
(Funchal)



os NAPA

Cristiano Ronaldo

Madalena Costa

MADEIRA no mundo...

MADEIRA, és garra
És sonho que voa sobre PATINS
Veloze ou dançantes
Entre piruetas pura arte.
És sonho que chuta como BOLA
Longe... bem longe
por MAR, por terra
numa VOZ deslocada
muito além
mas sempre Nossa.
Orgulhosamente Nossa!
Honrando tua HISTÓRIA
Poe esse mundo além,
Madeira, TEU NOME CONTINUA...

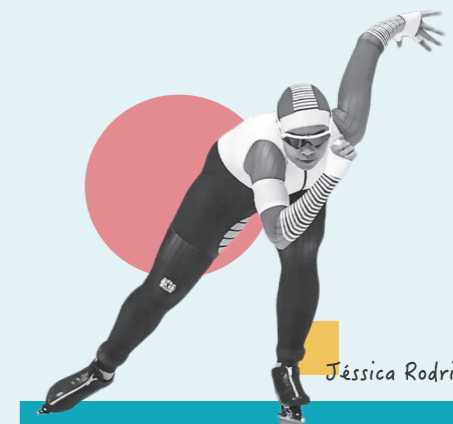
Isabela Correia, EBS da Ponta do Sol



Marcos Freitas



João Rodrigues



Jéssica Rodrigues



CONHECER A NOSSA FLORESTA É CONHECER A NOSSA CULTURA

■ No âmbito da Comemoração do Dia Internacional das Florestas, na tarde do dia 17 de abril, os alunos do 9.º ano participaram num conjunto de atividades, promovidas pelo Instituto das Florestas e Conservação da Natureza (IFCN), que decorreram no Parque Florestal do Ribeiro Frio.

na sensibilização, vigilância, fiscalização e conservação ambiental, bem como em situações de socorro e de apoio técnico de âmbito florestal.



A visita ao Parque Florestal e a participação no circuito lúdico-pedagógico permitiram o contacto direto com o meio e contribuíram para um melhor conhecimento da nossa floresta, dos seus recursos e potencialidades e, desse modo, foram uma mais-valia na sensibilização dos jovens para a necessidade de preservação desta “reliquia viva” que é a Laurissilva da Madeira.

Amélia Lagos e Bruno Nápoles
Externato da Apresentação de Maria (Funchal)

Património

Francisca Freitas, EB23 da Torre (Câmara de Lobos)

A palavra património vem do latim *patrimonium* (patri, pai + monium, recebido). O termo está, historicamente, ligado ao conceito de herança.

Património são todos os testemunhos de “valor cultural” herdados ou recentemente adquiridos, que ajudam a definir e fazem parte da nossa própria identidade. Portanto, património é tudo aquilo que nos pertence. É a nossa herança do passado e o que construímos hoje. É obrigação de todos nós preservar, transmitir e deixar esta herança às gerações vindouras. Do património cultural fazem parte:

■ bens imóveis, tais como: castelos, igrejas, casa, praças, conjuntos urbanos e ainda locais dotados de expressivo valor para a história, arqueologia, paleontologia e ciência em geral.

■ bens móveis, onde se incluem as pinturas, esculturas e artesanato.

■ bens imateriais: a literatura, a música, o folclore, a linguagem e os costumes.

Desta forma, no património, está patente o sentido histórico, o significado cultural (acompanha o desenvolvimento do homem e da sociedade), utilidade social (a sua identidade) e o valor estético.

Por exemplo, a Laurissilva, conhecida como a “floresta produtora de água” pela sua importância na captação de água dos nevoeiros, é a designação dada a um tipo de floresta húmida subtropical a temperada, composta maioritariamente por árvores da família das lauráceas e endémica da Macaronésia. Possui maior expressão nas zonas altas da ilha da madeira, onde se encontra a sua maior e mais bem conservada mancha, tendo sido considerada a 4 de dezembro de 1999 pela UNESCO Património da Humanidade.

Para concluir, a preservação do património revela uma beleza única, pois mostra o nosso compromisso em manter vivas as histórias, tradições e identidades para as gerações vindouras, criando, deste modo, uma ligação duradoura entre pessoas, lugares e culturas.

Ilustração de Matilde Oliveira, EB23 da Torre (Câmara de Lobos)



As saloias EM SÃO VICENTE

■ As saloias são um símbolo importante da nossa cultura e da nossa vida religiosa em São Vicente. A fé e a partilha são os símbolos que elas representam.

Em São Vicente as saloias usam parte do trajes do Bailinho da Madeira, como a carapuça e a saia, embelezadas por muito ouro e plantas. Transportam com elas um cesto para guardar as ofertas, normalmente chocolates e outras guloseimas, e a água benta.

Entre a Páscoa e o Pentecostes ocorrem as visitas pascais, onde as saloias acompanham o Divino Espírito Santo e cantam músicas tradicionais, com a intenção de animar as casas das pessoas e festejar a ressurreição de Jesus.

Lara Caldeira, Eva Agrela, Mariana Andrade e Victória Santos
EBS/PE/C D.ª Lucinda Andrade (São Vicente)



Ilustração de Nicole Sousa, EBS/PE/C D.ª Lucinda Andrade (São Vicente)

À PROCURA DO CAVALUM O que Resta da Lenda nas Ruas de Machico?

Rui Castro, EBS de Machico

A Lenda do Cavalum fala-nos das Furnas do Cavalum, localizadas na cidade de Machico, na ilha da Madeira. As furnas são um conjunto de quatro grutas revestidas por basalto, formadas pelos antigos canais de lava existentes na freguesia e que, segundo a lenda, servem de morada a um monstro. Em entrevista, a professora Madalena Franco ajudou-nos a descobrir melhor esta lenda e aquilo que ela ainda representa.

RC – Quem era o Cavalum?
MF – O Cavalum é uma figura imaginária, descrita como um cavalo com asas, diabolizado como um dragão com fogo a sair pelas narinas, representando a figura do demónio.

RC – De que nos fala a lenda?
MF – A lenda conta-nos que o diabo andava pelas terras de Machico e foi ter com Deus para lhe dizer que iria tomar posse da cidade, pois tinha muito mais força do que Ele. Deus respondeu que isso não seria possível, porque o poder divino é superior ao poder do mal. No entanto, o Cavalum continuou a insistir para que Deus lhe entregasse a população e o domínio da cidade. Perante a recusa, ameaçou destruir toda a população e todo o território. Foi então que pediu forças aos céus para destruir Machico através de uma grande tempestade. Assim aconteceu uma aluvião que destruiu muitas casas. A forte chuva arrastou pessoas, animais e habitações até ao mar.

RC – O que simbolizam, hoje, as Furnas do Cavalum?
MF – Hoje, as Furnas do Cavalum são um espaço geológico

de propriedade privada. Esporadicamente, são realizadas investigações que procuram identificar seres vivos raros e específicos destes ambientes sem luz solar. Existem também muitos morcegos.

RC – Passados tantos anos sobre o surgimento da lenda, o que acontece ainda em dias de tempestade?

MF – Penso que grande parte da população já não se lembra de que o Cavalum continua preso nas furnas. A lenda diz que Deus o mandou aprisionar ali para que deixasse de atormentar a população. Na altura da aluvião, a Capela do Santíssimo, atual Capela do Senhor dos Milagres, foi destruída, levando o Santíssimo Jesus crucificado para o alto mar. Depois desse acontecimento, Deus decidiu prender o Cavalum, por considerar que ele tinha ultrapassado todos os limites ao destruir a capela e arrastar o crucifixo para o mar.

Reza ainda a lenda que, em dias de tempestade, é possível ouvir os zurros do Cavalum.



CAVALUM

Será que sabes muito sobre a Madeira?

1. Sabias que o **Vinho Madeira** foi usado para brindar à independência dos Estados Unidos em 1776?
2. Sabias que o açúcar da Madeira já foi conhecido como “**o outro branco**”, símbolo da riqueza do império português, chegando a impressionar cortes europeias e o Papa Leão X com peças artísticas feitas de açúcar?
3. Sabias que a cestaria em vime, especialmente na Camacha, **é um dos maiores ícones culturais da Madeira** e conta com séculos de tradição?
4. Sabias que o **Bordado Madeira** já esteve em exposição internacional em cidades como Osaka e Veneza, ao lado de marcas de luxo como a Cartier?
5. Sabias que **Jeff Garner**, um dos mais reconhecidos estilistas dos Estados Unidos, que já vestiu artistas como Miley Cyrus e Taylor Swift, criou uma coleção inspirada no Bordado Madeira em parceria com o IVBAM?
6. Sabias que muitos dos desenhos e técnicas tradicionais do **Bordado Madeira** foram preservados e transmitidos de geração em geração?
7. Sabias que o Natal madeirense começa nove dias antes do Natal com as tradicionais **Missas do Parto**, celebradas ao som do rajão, das castanholas e dos cantares tradicionais?

Renato Silva,
EBS da Ponta do Sol

Focar o passado com novas lentes

Somos jovens de olhos abertos,
Câmara na mão, captando o que ninguém vê,
Queremos mostrar o que nos pertence,
O que faz este lugar mexer.

Apanhamos tradições em imagens,
Vistas que contam o que somos.
Ruas antigas, praças cheias,
Histórias que o tempo não apagou.

Conversamos com quem sabe,
o artesão, o músico, o agricultor.
Gente da terra com mãos marcadas,
Que põem talento e memória em tudo o que fazem.

Ouvimos histórias lentamente contadas,
Lendas esquecidas nos livros.
Cada palavra uma parte do passado,
a ganhar voz no presente vivo.

Diogo Caldeira, EB/PE do Porto da Cruz (Machico)

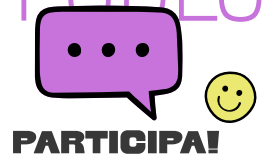
DESAFIA A TUA CRIATIVIDADE!

... E O PRÓXIMO **IPHONE** PODE SER TEU!



WTF **WTF** **WTF** **WTF** **WTF**
WTF **WTF** **WTF** **WTF** **WTF**

VENCEDORA DO PRÉMIO 'MENTE CRIATIVA' DE ABRIL



PARTICIPA!

MATILDE SILVA
EBS/PE DA CALHETA



NÃO TE ESQUEÇAS DE REVER OS TRÊS PRIMEIROS NÚMEROS DESTA SÉRIE AQUI!

